TL1329-71

V JORNADAS de TIMOR da UP

Tema VI

Timor Leste, História e Cultura

Sandra Aida Gonçalves Ferreira

O DILÚVIO E SUAS VERSÕES

Comunicação:

O DILÚVIO E SUAS VERSÕES

Trabalho realizado por:

Sandra Aida Gonçalves Ferreira

-INTRODUÇÃO-

- Esta Comunicação pretende servir essencialmente, como uma reflexão sintética, mas elucidativa sobre a riqueza da cultura de Timor Leste. Tem como base episódios vividos por um missionário e histórias que ele ia ouvindo aos índigenas. Dei particular atenção à que retrata a origem da humanidade, com a intensão de poder abordar a conceptualização que existe sobre ela e, ao mesmo tempo, com o objectivo de demonstrar a semelhança existente entre esta conceptualização e a da Biblia Sagrada, expandida pelos portugueses em terras de Timor.

Toda esta explanação remete-nos imediatamente para a verificação das influências e traços culturais deixados pelos portugueses, apreendidos e constantemente reavivados pelos timores.

-DESENVOLVIMENTO-

Existe entre os indígenas a memória de um grande cataclismo ocorrido em época muito remota e que foi um dilúvio que causou a morte de toda a gente da ilha e do mundo, salvando-se apenas um rapaz e uma rapariga, irmãos, que se casaram depois e dos quais descendem todos os homens.

No entanto, há várias versões que narram o mesmo acontecimento.

Os indígenas de Môa-Pitini dizem que, há muito tempo, as águas do mar começaram a subir e a invadir a terra por todos os lados, afogando toda a gente, excepto um rapaz e uma rapariga que fugiram para a serra de Môa-Pitini, único lugar que as águas não cobriam. Quando tudo voltou à normalidade viram que morrera toda a gente e, então, apesar de serem irmãos, casaram-se e tiveram filhos.

Em Soro contam que, um dia, as águas do mar levantaram-se de norte a sul como duas montanhas enormes e correram para o centro da ilha, matando toda a gente menos um homem e uma mulher que se salvaram em cima do telhado da própria casa e de quem descendem todos os habitantes do mundo.

Em Fuiloro contam que houve um grande dilúvio no qual morreu afogada toda a gente, salvando-se apenas um rapaz e uma rapariga, irmaõs, mas sem explicarem o modo como se salvaram. No entanto, dizem que o irmão queria casar-se, mas não havia ali outra mulher, além da irmã.

Foi à praia de Lautém, onde encontrou uma prancha de madeira muito grande que lhe serviu de barco e com a qual navegou até chegar a Díli. Como não encontrou ninguém no caminho, voltou ao ponto de partida.

A irmã quis certificar-se de que, realmente, não havia mais ninguém pôs-se sobre a tábua e chegou também a Díli. Como não encontrou pessoa alguma, voltou para Fuiloro e casou com o irmão, sendo eles os progenitores de todos os habitantes de Timor e de todo o mundo.

Em Laivai dizem que, em tempos muito remotos, os homens eram muito maus e, como castigo, cada vez chovia menos. Houve um ano em que a estiagem foi muito grande, tão grande que, as fontes secaram todas e os rios quase não tinham água para beber. Um dia o céu cobriu-se de nuvens e começou a trovejar e relampejar de tal modo que, todos os habitantes tiveram medo. Depois choveu tanto que as águas dos rios saíram dos leitos e alagaram toda a planície, ao mesmo tempo o vento empurrava as águas do mar para a terra, começando a cobrir tudo: primeiro as casas, depois as árvores. As pessoas fugiram para as alturas mais próximas, mas as águas subiram até cobrir os montes mais altos, menos um, onde se salvaram um rapaz e uma rapariga, irmaõs, únicos sobreviventes da grande catástrofe.

Quando deixou de chover e as águas voltaram aos níveis normais, eles foram viver para uma, planície de Laivai, alimentando-se de folhas de árvores, de fruta e de peixe. Como não havia mais ninguém na Terra, casaram-se e tiveram três filhos e três filhas, que também se casaram entre si.

Quando os três irmãos eram muito velhos, um senhor (provavelmente Deus) mandou dizer-lhes que viessem a sua casa para falarem com ele e receberem umas ordens que queria dar-lhes. Foram imediatamente, mas o senhor mandou que voltassem no dia seguinte. Regressaram todos para casa, pensando no que o senhor queria deles.

O mais novo, mal chegou a casa, foi comer, deitou-se e adormeceu. De manhã cedo levantou-se e, sem dizer nada aos irmãos, foi ter com o senhor para o saber o que ele queria. O senhor levou-o a um lindo palácio e conduziu-o a uma sala onde estava uma mesa com livros, papéis, canetas; encostadas às paredes havia pás, picaretas, enxadas, martelos, catanas e outras ferramentas.

O senhor disse-lhe que ele sempre tinha sido um bom filho e não era preguiçoso como os irmãos. Por esta razão deu-lhe os papéis e as canetas e autoridade para governar.

Os irmãos quando acordaram encaminharam-se para o palácio, a toda a pressa. Quando lá chegaram o senhor levou-os à mesma sala e deu-lhes as ferramentas para, com elas, trabalharem para o irmão mais novo.

Embora ficassem muito trites, tiveram que obedecer.

Segundo a tradição, o irmão mais novo foi o ascendente dos portugueses e dos outros brancos; o do meio foi o antepassado dos timores, que são mulatos, e o mais velho deu origem aos pretos.

-CONCLUSÃO-

A cultura reúne, contém e interpreta os valores de uma sociedade, distinguindo-a relativamente a outra. A cultura de um povo é o conjunto de laços, vínculos, usos, tradições...,próprios de um povo. Assim, por mais que se invista para a destruição cultural de um povo, isso será impossível, pois ela está bastante enraízada na mentalidade colectiva.